

Ana Paula Padrão

O AMOR CHEGOU TARDE EM MINHA VIDA

BI
BI
BI
BI

Copyright © 2014 by Ana Paula Padrão

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA Fernando Louza

PREPARAÇÃO Juliana Moreira

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita, Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Padrão, Ana Paula

O amor chegou tarde em minha vida / Ana Paula Padrão. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

ISBN 978-85-65530-59-0

1. Mulheres — Autobiografia 2. Mulheres — Comportamento 3. Mulheres — Conduta de vida 4. Mulheres — História 5. Padrão, Ana Paula I. Título.

14-01267

CDD-920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Autobiografia 920.72

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Prefácio	11
1. Estranha tranquilidade	15
2. Uma janela para a vida	52
3. Muito além de Brasília	79
4. O amor no gelo e outras viagens	95
5. Vamos falar honestamente?	120
6. O amor chegou tarde em minha vida	152
Posfácio: Nós, as mulheres do mundo	182

1. Estranha tranquilidade

Eu estava muito tranquila, excepcionalmente tranquila. Conduzia meu carro para mais um dia de trabalho que, sabia, seria o último ali. Depois de dezoito anos, eu deixaria a tv Globo. Avancei devagar os seis quilômetros que separavam a minha casa da emissora. Sem pressa. Calma. Dali a poucas horas, eu deixaria de apresentar o *Jornal da Globo*. Bancada nobre da televisão, uma das cadeiras mais cobiçadas do jornalismo brasileiro.

Olhar o passado a partir de algum distanciamento nos permite percebê-lo de outro ângulo. Hoje, aquela decisão talvez não tivesse tanto peso. Estar à frente de um jornal na televisão aberta ainda é uma das posições mais nobres entre os veículos de mídia. Mas esse posto agora disputa espaço com inúmeras outras plataformas. É como se a janela da tv tivesse diminuído de tamanho e várias outras tivessem se aberto. Os ventos da informação circulam mais livremente, o que, na teoria, é ótimo. Na prática, no entanto, ainda estamos longe do ideal de qualidade da notícia e de sua disseminação. Mas, quando decidi deixar aquela cadeira, estava desafiando paradigmas e tradições. E sabia que seria cobrada por isso.

Certeza é uma casa de tijolos muito bem assentados. Demora para ficar pronta. Tem alicerces. A minha casa de certezas ficou

pronta depois de muitos anos de reflexão sobre a mulher que eu era e a mulher que eu realmente queria ser. Por isso começo este livro assim. Deixar a Globo foi um ponto de inflexão em minha vida, o início de outro trajeto. A pessoa que conduziu aquele carro em direção à demissão não era dada a impetuosidades. Ainda não é. Sou de longos raciocínios e muitos estudos. Apesar de reservada, não me considero única e me sinto confortável trabalhando em grupo. Fiz muitas pesquisas sobre as mulheres da minha geração. E concluí que, como elas, queria e — mais do que isso — precisava de equilíbrio. Pedir demissão resultara do complexo somatório de planejamento, estratégia, razão e emoção. Não era apenas a decisão de mudar de trabalho. Era um gesto consciente para mudar de vida.

O que eu não sabia até ali era para onde exatamente essa guinada me levaria. Uma grande amiga me disse: “Agora você vai saber o tamanho que realmente tem”. A frase me assustou. Nunca tinha pensado nisso. Mesmo dando inúmeras voltas na racionalidade, qual era meu tamanho no mercado era uma questão que eu não podia responder. Minha decisão, tão refletida, partiu de um forte desconforto emocional. Claro que pesei o que seria de mim depois de deixar a Globo. Sabia que queria entender as mulheres. Trabalhar com elas. Mas ainda não sabia como. Eu estava dando um salto para a felicidade. E esperava ganhar asas durante o voo para atingir meu objetivo. Esperava. Otimista. Confiante. Feliz. Como acredito que toda mulher merece ser.

Hoje consigo ver claramente minha intuição pairando sobre as difíceis decisões que tomei. Era o ano de 2005. Eu sabia que estava vivendo, como mulher, numa época de mudanças. E imaginava que esse movimento feminino seria capaz de coisas extraordinárias! Conduzindo meu carro até aquela encruzilhada, sabia que estava escolhendo a direção correta e tinha certeza de que chegaria lá.

O AMOR EM RECADOS

Dizem que casamentos à distância têm mais chance de dar certo. Discordo. Eu mal via meu marido. Quando nos casamos, ele trabalhava no mercado financeiro. É gestor de fundos de investimento. Acordava cedo. Quando saía, eu ainda dormia. Quando eu chegava em casa, sempre depois da uma da manhã, era ele quem já estava na cama havia horas. Fusos opostos. Ele acompanhava o funcionamento das bolsas de valores, das nove da manhã às seis da tarde. Eu acompanhava o horário do planejamento, fechamento e apresentação do jornal. Das três da tarde até depois do boa-noite-pra-você-e-até-amanhã.

Durante três anos tivemos um casamento virtual. Falávamos ao telefone. Ele, apressado quando estava no trabalho, tranquilo à noite. Eu, menos atarefada lá pelas dez da manhã, depois que acordava, e superestressada a partir das oito da noite. Conversas em soluços para tratar basicamente da administração da vida doméstica.

O que me consolava eram os bilhetinhos. Eles tinham charme. Romance. Eram preciosos para manter aceso o carinho. Comprei um miniquadro-negro que ficava sobre a pia no banheiro de nosso quarto. Na rotina de desencontros, escrevíamos o essencial: “Eu te amo, estou com saudades”; “Querida, vi quando você chegou, mas estava exausto, não consegui levantar, te adoro!”; “Você pode almoçar amanhã?”. A mecânica dos bilhetinhos poderia ter ficado em minha memória como um ponto de tristeza, manchando uma história de imensa felicidade. Não ficou. Eram gestos de amor em uma circunstância de dificuldade. Foi o nosso código de parceria à distância. Na essência, os bilhetes diziam: “Eu me importo com você e quando isso passar vai ser maravilhoso”.

Demorou para passar. Durante todos aqueles anos não tivemos vida social. Quem apresenta o último jornal da noite não vai ao teatro. Não comparece aos aniversários dos amigos. Não vai a lançamentos de livros. Não vê aquele show sensacional que todo

mundo comentou. Eu não ia, ele também não. Dizia que não tinha graça sem mim.

Passamos muito tempo sem ir ao cinema, uma das minhas grandes paixões. No fim de semana, cinema em São Paulo era um castigo. Filas e mais filas. Naquela época não havia compra de ingressos pela internet. Certa vez, para me manter em dia com esse hobby antigo que ainda me dá tanto prazer, decidi ir ao cinema durante a semana. No horário do almoço, na sessão da uma ou das duas da tarde. Encontrei duas senhorinhas. Comprei meu ingresso e, ao deixar a bilheteria, as ouvi comentar: “É aquela moça que apresenta o jornal da noite, tadinha, tão sozinha”. Foi um baque. Minha primeira reação foi pensar: “Que tadinha o quê? Estou aqui porque é o horário em que posso vir ao cinema”. E caminhei, determinada, para a sala escura. Mas ali, sentada na poltrona, entre um trailer e outro, admiti: “É natural que pensem assim. Se quiser ver esse filme, tem que ser à uma da tarde, sem companhia. Tenho um marido que amo. Para minha sorte, ele também me ama. E não consigo nem vir ao cinema com ele”. Elas estavam certas.

Foi a primeira vez que senti pena de mim. Detesto esse sentimento. Abomino a autocomiseração. Evitava pensar sobre isso a cada bilhetezinho deixado no quadro-negro sobre a pia do banheiro. Evitava pensar na impossibilidade de viver de verdade aquele casamento. Era a nossa condição. Meu marido sabia quando se casou comigo. Eu também sabia. Mas, e daí? Eu daria muita coisa para ir ao cinema com ele. Para tomar café da manhã com ele. Para jantar com ele. Até para brigar com ele cara a cara. Nas raras vezes em que discutíamos era sempre por telefone. Agora eu sei. Naquele cinema, naquele dia, as senhorinhas tinham toda razão. Quando olho para trás, sinto pena da pessoa que eu era. E não apenas porque ele não estava ali. Mas porque eu estava pela metade.

O casamento deu voz a uma pessoa escondida e insatisfeita em mim. O que me havia custado tanto para alcançar não era mais

suficiente. Aos trinta e poucos anos, eu havia chegado ao topo da carreira. E, embora pudesse fazer muitos planos profissionais a partir dali, será que eles seriam suficientemente convincentes para me tirar do *Jornal da Globo*? E será que era isso que eu queria? O que eu de fato sentia era mais do que um incômodo profissional. Era uma urgência de mudar de vida. Mudança que demorou anos para se processar. Mas o vírus da transformação surgiu ali, naquele momento. O começo de tudo.

Vendo as fotos do dia em que me casei com Walter, percebo a limitação da qual eu queria escapar. Foi uma festa simples, no apartamento de solteira que eu havia acabado de comprar e reformar. Quando nos conhecemos, ele também morava sozinho. Vendeu o apartamento dele e veio ficar comigo. Depois vendemos o meu e nos mudamos para uma casa para que Walter pudesse ter seu quintal e suas plantas. Aquele 21 de setembro de 2002, dia do nosso casamento, foi o mais gelado em uma entrada de primavera em muitos anos. Lembro-me de pouca coisa. Estava muito nervosa. Tremia muito. Não sei se de frio ou de tensão. Walter preparou fogos de artifício, combinou que os sinos da igreja do bairro tocariam na hora exata do sim. Eu não vi nem ouvi nada. Passei a cerimônia inteira imaginando que não conseguiria assinar a certidão por causa dos tremores nas mãos. Naquele dia entendi que as noivas são as que menos aproveitam a festa. E por quê.

Ainda bem que há fotos. Nelas vejo várias coisas além das imagens registradas. Vejo uma mulher ainda jovem mas já com jeito de senhora. Uma mulher muito tensa, muito séria. Vejo os convidados, meus e dele. Entre namoro e casamento foi tudo muito rápido. Conheci vários dos amigos dele naquele dia. E ele, os meus. Walter chamou para a festa, além da família, gente da faculdade, colegas de infância, pessoas que conheceu nos lugares onde trabalhou, onde morou. Eu chamei meus colegas da Globo. Vendo as fotos, reparo que não tinha amigos fora dali. Não há nada de errado em dedicar-se à carreira e à empresa onde se trabalha. Mas a vida não é só

isso. A minha era. Eu não tinha lazer e portanto não tinha amigos do lazer. Não praticava nenhum esporte. Não ia a bares. Não tinha nenhuma atividade que não estivesse relacionada ao meu trabalho. Até o homem com quem me casei naquele dia eu conheci graças ao trabalho.

Uma amiga, Sofia Esteves, mulher que construiu sozinha sua empresa de consultoria em recursos humanos, uma das maiores do Brasil, decidiu se afastar do negócio ainda jovem. Com pouco mais de cinquenta anos, ela queria aproveitar aquilo que a dedicação integral ao trabalho não oferece e que a idade não devolve: o tempo. De grande líder executiva, passou a membro do conselho, além de acompanhar o desenvolvimento das outras sócias e ser a grande representante institucional da empresa, realizando palestras, pesquisas e aulas.

“A maior dificuldade que enfrentei foi justamente a de que a empresa me dava muita felicidade, realização e satisfação, mas não me permitia viver com a intensidade que eu precisava outros prazeres muito importantes para mim, como o relacionamento com meu marido, o acompanhamento da adolescência dos meus dois filhos, a minha casa e ainda ter tempo para mim mesma.”

Sofia está longe de trabalhar pouco, mas trabalha de acordo com a própria agenda. Quando tomou a decisão de diminuir o ritmo de trabalho, contudo, foi muito questionada. Ela não só não se arrepende como se sente mais completa hoje. Diminuir o ritmo foi importante para que ela encontrasse plenitude. Numa palavra, Sofia procurava — e encontrou — o equilíbrio. Assim como Sofia, eu sabia que estava na profissão certa, que me dava muito prazer. Mas sabia também que havia alguma coisa além do trabalho. E a sensação de que havia alguma coisa represada em todo aquele acúmulo de sucesso profissional era quase uma sentença. Uma sentença autimposta de muito tempo a cumprir.

ANGÚSTIA E TRISTEZA

Dois anos. Foi o tempo que levei pensando que queria mudar minha vida. Tudo havia começado com “quero sair desse horário”. Achava que mudando o fuso, conseguiria ter o que me faltava. Uma agenda pessoal mais forte, mais importante.

Sou uma pessoa do dia. Da luz. Sou solar. Na juventude, nem sempre respeitamos nosso relógio biológico. Como qualquer adolescente, desafiei minha natureza virando noites em festinhas e dormindo pouco. Mas sempre soube que a luz do dia me tirava cedo da cama. As amigas dormiam até duas da tarde depois das farras enquanto eu já estava de pé nas primeiras horas da manhã. A idade me ensinou a usar truques para trapacear minha natureza. Carrego uma máscara para os olhos para onde quer que eu vá. É parte do meu kit de viagem. Já descansei em muitos aeroportos do mundo graças à venda nos olhos. Até hoje apelo para todos os apetrechos possíveis para manter a ilusão da noite pelo maior tempo possível. Quase sempre perco a batalha para o dia que desperta selvagem, irritadiço, indomável. A disputa aumentou no tempo em que trabalhei no período noturno. Quando apresentava o *Jornal da Globo*, usava todo tipo de subterfúgio para não acordar com o dia. Conheci todos os tipos de soníferos, melatoninas, calmantes, relaxantes musculares, tampões de ouvido, seladores de janelas, máscaras de gel, de esponja, de algodão, atoalhadas, acolchoadas, de cetim, de veludo... Essa é minha disputa individual contra a natureza. E eu sempre estive fadada ao fracasso — apenas não sabia disso. O tempo ensina. Mas também cobra.

Começou a ser doloroso apresentar o jornal. Sentava ali, sozinha, e sentia uma profunda tristeza. Um imenso cansaço. Apresentadores, em geral, se posicionam frente às câmeras dez minutos antes do telejornal entrar no ar. Você fica ali, prontinha, esperando chegar o sinal de “ao vivo”, ouvindo as últimas instruções dadas pelo diretor no ponto eletrônico. Concentração, Ana

Paula. Mas a angústia chegava. Tinha muita vontade de chorar. Eu, a durona, a determinada. Raramente revejo os telejornais antigos mas, quando assisto, percebo uma moça profundamente triste. E a tristeza deixa seu carimbo de várias maneiras. Em mim, ela significa uma música.

Para muitas pessoas, canções são a marca de um momento. De uma época. Podem nos trazer entusiasmo ou melancolia. Alegria ou desamparo. Há algumas que não consigo mais ouvir porque me remetem àquele ponto de minha vida. Ali, na bancada, esperando o jornal começar, eu assistia ao encerramento do programa anterior. Naquela época, estava passando a minissérie *Presença de Anita*. E toda noite eu ouvia a canção de encerramento dos capítulos, “Ne me quitte pas”. Ainda hoje, passados mais de dez anos, meu peito se fecha quando ela toca. Minha memória ficou presa à música.

Não sou uma pessoa depressiva. Sou “resolvedora”. Aquela emoção me despertou para o fato de que havia um problema a ser enfrentado e um diagnóstico a ser feito. Passei a me questionar. Como continuar uma carreira bem-sucedida longe de um trabalho que me entristecia? Até aquele ponto eu já havia entrevistado muitas mulheres que haviam mudado suas vidas. Por que eu não podia mudar também?

A MULHER-OMBREIRA

A super-hiper-heroína-jornalista em começo de carreira não tinha vida pessoal. Ia aonde a notícia estivesse. Ninguém me pedia isso. Eu queria ir. Queria ver a história, queria estar onde grandes coisas estivessem acontecendo. Hora para ginástica, namorado, lazer? Bobagem. Eu costumava dizer que o trabalho já era diversão suficiente.

O figurino da Mulher-Maravilha era o terninho anos 1980. Eu era uma daquelas tantas que desfilavam de calça comprida e bla-

zer. E ombreiras. Gigantes. Eu era o que chamo hoje de “mulher-ombreira”.

A moda “ombreira” refletia o que todas nós tentávamos ser. Não nos adaptamos a uma nova tendência fashion. Nós a lançamos. Os estilistas captaram nosso desejo de parecer homens. Inventamos as ombreiras para ficar mais parecidas com eles. Se eles trabalhavam de terno, nós também trabalharíamos. Até a famigerada gravata entrou no guarda-roupa feminino. E as malfadadas ombreiras. Claro, tínhamos que nos “ombrear” a eles. Todos os blazers tinham ombreiras. As camisas tinham ombreiras e ainda existiam os sutiãs com ombreira. Veja o tamanho da insensatez. E a contradição da peça íntima anexada a um símbolo de masculinidade. Usávamos o sutiã com ombreira e por cima um blazer também com ombreira. O resultado era um exército de jogadoras de futebol americano. Tudo meio ridículo. Uma mulher-triângulo na qual só o batom vermelho e o salto alto denunciavam uma sombra de feminilidade.

Outra tendência comum na época era cortar o cabelo curto. Ou usá-lo preso. Nos anos 1980 eu usava cabelo no estilo “joãozinho”. Afinal, pensava eu, para que me preocupar com essa futilidade chamada cabelo? Gastar tempo em salão não fazia parte do modelo sou-uma-profissional-competente-e-trabalho-catorze-a-dezesesseis-horas-por-dia. E eu, de fato, trabalhava entre catorze e dezesseis horas todos os dias. Esse era o foco. O caminho e o objetivo.

Confesso que sinto um certo constrangimento ao dizer isso. É tão deslocado do tempo, tão fora de moda. Sei que é muito difícil para uma jovem de 25 anos hoje imaginar que há duas décadas, na mesma idade, só pensávamos em carreira. Meu cotidiano era o trabalho e, nos fins de semana, quando não estava de plantão, lia os jornais com sofreguidão, apurava informações. Meus compromissos sociais eram sempre com colegas de trabalho ou com fontes de notícias. Os assuntos em que eu atuava giravam em torno de política e economia. Faziam parte de meu núcleo de convivência

autoridades, ministros, parlamentares, funcionários do Banco Central. Esse desequilíbrio na balança da vida cotidiana não era apenas um traço da minha personalidade. Grande parte das mulheres da minha geração agia assim. Um comportamento que nos parecia normal na época e que faz algum sentido até hoje.

Imitávamos os homens porque não havia outro modelo a copiar. Nos anos 1980, não existiam muitas mulheres no universo das corporações que pudessem nos servir de exemplo. Eram muito poucas as mulheres que lideravam empresas. As grandes inspirações femininas eram primeiras-damas, líderes religiosas ou dirigentes de ONGs. Resumindo: eram mulheres que trabalhavam, *mas em assuntos de mulher!*

Grandes empresas eram tema para os homens. E como era lá que parte de nós queria chegar, o modelo feminino tinha que ser adaptado. As mulheres poderosas da época estavam inseridas em contextos exclusivamente femininos e nós queríamos chegar em outro lugar. Nós queríamos o mundo deles. O glamoroso universo masculino do trabalho.

Uma imagem simbólica dessa época é a da ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello, na apresentação do Plano Collor, em 1990. Participei da entrevista coletiva à imprensa. A ministra usava blazer preto com ombreira gigante. Eu usava cabelo curtíssimo, vestia uma camisa amarela também com ombreiras enormes. Lembro-me de perguntar em tom desafiador se os aumentos de preços e tarifas daquele mês já haviam entrado no cálculo da prefixação dos salários. Minha pergunta era assertiva, em tom masculino. A mensagem era sei-o-que-vocês-estão-fazendo. Era meu tom corriqueiro. Eu era brava. Intimidadora. Criou-se em torno da minha imagem como jornalista o mito da repórter agressiva, que não fazia concessões ao entrevistado. Estava ali para fazer as perguntas difíceis. Muitas autoridades chegaram a recusar entrevistas comigo por medo das questões que eu levantaria. Minha objetividade era tipicamente masculina.

Para as mulheres que entraram no mercado de trabalho nos

anos 1980 era muito difícil ser feminina e sentar-se diante de uma mesa cheia de homens. Seria um suplício enfrentar as piadas de “mulherzinha”, os corriqueiros comentários preconceituosos sobre nossas diferenças. O mundo dos negócios era só deles. Mas se uma mulher se parecesse com um deles, se estivesse vestida como um deles, falando grosso como um deles, a feminilidade passaria despercebida. Achávamos que assim seria possível participar do grupo do poder e ser aceita como igual. Não podíamos — e não queríamos — chorar no trabalho. Éramos duronas. Isso parecia normal. Esse era o mundo do trabalho. Um mundo masculino. Ser quase um homem era parte do processo de vencer o preconceito e ter a competência reconhecida.

Rejeitávamos os estereótipos femininos. Atributos como cintura marcada, corpo bonito, cabelo arrumado, voz feminina, docilidade. Unhas bem-feitas eram para as fracas. Muitas mulheres até hoje seguem essa cartilha no trabalho. E até desdenham das novatas mais graciosas. Difícil separar a adoção do visual masculino da incorporação dos estereótipos masculinos. Poderíamos, e deveríamos, ser mais solidárias. Ensinar às mais jovens que elas não precisam passar pelo que já passamos. Já foi suficientemente extenuante para muitas da nossa geração. O meio-termo existe. O pilar fundamental do feminismo — mulheres iguais aos homens — ruiu faz tempo. Não somos como eles. Não queremos ser como eles. Mas há, certamente, um novo feminismo. Quando me perguntam se sou uma feminista, minha primeira reação é dizer não. Porém, refletindo sobre o que é ser uma feminista neste século, concluo que há em mim muitas das bandeiras e do discurso do feminismo tradicional, aliados à necessidade de ser mulher e gostar de ser mulher. Sim, talvez eu seja uma feminista. Uma mulher que defende outras mulheres. Uma mulher que dedica seu tempo a estudar outras mulheres. E todos os caminhos possíveis para que nós possamos continuar sendo produtivas. Competentes. Trabalhadoras inseridas em um mundo onde as empresas ainda são ambientes mais confortáveis para os homens.